

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Bombardeios matam ao menos 64 em Gaza

Área atingida é próxima ao Crescente Vermelho, que auxilia civis

Um bombardeio que atingiu uma área próxima à sede do Crescente Vermelho na Faixa de Gaza matou ao menos 22 pessoas que buscavam abrigo no local, disse a ONG neste sábado. A organização é o braço da Cruz Vermelha em países de maioria muçulmana.

Também neste sábado, ataques israelenses em um campo de refugiados deixaram 42 mortos, de acordo com o governo de Gaza, controlado pelo Hamas, elevando o total de mortos nas últimas horas a 64.

O Crescente Vermelho não disse de onde partiram os projéteis de artilharia, mas ataques com esse tipo de arma contra alvos em Gaza costumam ser realizados por Israel. De acordo com a organização, o bombardeio ocorreu na sexta-feira, deixou 45 feridos e danificou a sede da ONG, que estava cercada de tendas e acampamentos provisórios de deslocados palestinos.

Os corpos e os feridos foram levados para um hospital de campo, e a ONG alertou que o número de vítimas ainda pode aumentar.

“Ao disparar projéteis tão perto de estruturas humanitárias, cuja localização ambas as partes do conflito conhecem e que estão identificadas com o emblema do Crescente Vermelho, vidas de civis e de trabalhadores (da organização) são colocadas em risco. Esse grave incidente é apenas mais um de muitos nos últimos dias”, disse o Comitê Internacional da Cruz Vermelha em nota.

Também neste sábado, ao me-



EYAD BABA/AFP/IC

Governo israelense diz que atacou “infraestrutura militar” do Hamas

nos 42 pessoas morreram depois que um bombardeio israelense atingiu um campo de refugiados no norte da Faixa de Gaza, de acordo com o escritório de mídia do governo local. Um dos ataques atingiu o campo de refugiados de Al-Shati e matou 24 palestinos, e outros 18 foram mortos em disparos contra casas do bairro Al-Tuffah. As Forças Armadas israelenses confirmaram que houve um ataque, mas disseram que ele teve como alvo “infraestrutura militar” na Faixa de Gaza.

Desde o início do conflito atual, cujo estopim foi o ataque terrorista do Hamas em 7 de outubro que deixou 1.200 israelenses mortos, mais de 37 mil palestinos foram mortos em bombardeios israelenses na Faixa de Gaza, de acordo com o Ministério de Saúde local.

A guerra já dura mais de oito meses e jogou toda a população do

território palestino em uma grave crise humanitária, com mais de 1 milhão de pessoas passando fome, de acordo com a ONU.

Palestinos ouvidos pela Reuters disseram que tanques israelenses continuam a avançar contra a cidade de Rafah, onde a maioria da população deslocada de Gaza se refugiava até o início de maio, quando Tel Aviv iniciou sua operação contra a região.

Israel também bombardeou áreas ao redor de Rafah, forçando famílias que buscavam abrigo em zonas descritas pelo próprio exército israelense como sendo seguras a fugir para o norte. As Forças Armadas do país dizem que realizam “ataques precisos” na cidade.

Um relatório produzido pela ONU apontou que Israel pode ter violado leis de guerra e cometido crimes contra a humanidade ao atacar infraestrutura civil em Gaza. O documento diz que Tel Aviv teria ignorado “sistematicamente os princípios de distinção, proporcionalidade e precauções” exigidos em tempos de guerra.

deio russo na segunda maior cidade da Ucrânia, Kharkiv, que levou à morte de três pessoas e deixou mais de 50 feridos. Uma das bombas atingiu um prédio residencial de cinco andares na tarde de sábado, disseram autoridades. O governador regional, Oleh Syniehubov, disse que 41 pessoas ainda estavam sendo tratadas por ferimentos. Após o bombardeio, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, pediu reforço das de-

fezas aéreas aos países parceiros da Ucrânia.

Em Kiev, capital da Ucrânia, duas pessoas ficaram feridas pela queda de destroços na noite de sábado, disse o comandante da Força Aérea da Ucrânia, Mykola Oleschuk. Já em Donetsk, região parcialmente ocupada pela Rússia, o governador regional Vadym Firlashkin, disse que os ataques russos no sábado mataram duas pessoas e feriram quatro.

Ultradireita tem 35% das intenções de voto na França, aponta pesquisa

/ FRANÇA

Uma pesquisa divulgada neste domingo medindo as intenções de voto para as eleições gerais da França convocadas para o próximo dia 30, com segundo turno dia 7, mostra que o partido de ultradireita RN (Reunião Nacional) segue na liderança e deve conquistar 35,5% do eleitorado.

Embora a projeção indique vitória do partido de Marine Le Pen, a ultradireita não deve conquistar maioria no parlamento, afastando a possibilidade de que o bloco eleja um primeiro-ministro. O nome do campo para o cargo, Jordan Bardella, já disse que não vai buscar o posto se não tiver maioria na Assembleia Nacional.

O levantamento foi realizado pelo instituto Ipsos, pelo jornal Le Parisien e pela Radio France entre os dias 19 e 20, e mostrou a aliança de esquerda Nova Frente Popular em segundo, com 29,5% dos votos, seguida pelo grupo governista de centro do presidente Emmanuel Macron, que marca 19,5%.

Os números apontam uma mudança drástica em relação ao resultado das últimas eleições legislativas, em junho de 2022 —na época, a coalizão de Macron venceu com 38% dos votos, seguida da aliança de esquerda com 31%. A ultradireita conquistou 17% do eleitorado.

No último dia 13, os partidos de esquerda mais importantes da França anunciaram a formação de uma Nova Frente Popular para concorrer às eleições em conjunto, contrariando expectativas de especialistas e do próprio Macron, que apostava na divisão do campo para conseguir construir uma nova coalizão com a esquerda e a direita moderadas no Legislativo.

As eleições na França foram convocadas de surpresa por Macron depois que a ultradireita venceu os governistas na eleição ao

Parlamento Europeu no último dia 9. A medida não afeta o cargo de presidente, que continua no cargo até o fim do mandato em 2027, e Macron já indicou que não deve renunciar seja qual for o resultado.

Até aqui, o presidente tenta apresentar seu partido aos eleitores como uma escolha segura frente a incertezas e ameaças de extremos à direita e à esquerda. Sua campanha tem dito que tanto a RN quanto a Frente Popular seriam péssimos na gestão da economia francesa.

Entretanto, outra pesquisa do Ipsos publicada pelo Financial Times indica que o eleitorado tem mais confiança na ultradireita quando a questão é a economia —25% confiam mais na RN para tomar as decisões certas em questões econômicas, comparado com 22% que confiam mais na Frente Popular e apenas 20% que preferem a aliança de Macron.

A possibilidade de que a ultradireita aumente seu poder na França tem levado a reações da sociedade civil. Manifestações contra o partido de Le Pen levaram milhares de pessoas às ruas, e o jogador Kylian Mbappé, astro da seleção de futebol masculina da França, convocou os eleitores a votar contra “extremos às portas do poder” em entrevista coletiva.

Neste domingo, um grupo de 170 diplomatas e ex-diplomatas publicou um apelo no jornal Le Monde contra a vitória da ultradireita, dizendo que esse resultado “enfraqueceria a França e a Europa”, e citaram o ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro como exemplo a ser evitado. “Nossos adversários entenderão uma vitória da ultradireita como um enfraquecimento da França e um convite para interferir em nossa política interna, para atacar a Europa, inclusive militarmente”, alertaram os signatários, mencionado a Rússia de Vladimir Putin e a Guerra da Ucrânia.

Rússia diz ter abatido mais de 30 drones ucranianos

/ GUERRA

Autoridades russas disseram que mais de 30 drones ucranianos foram abatidos na região ocidental do país durante a noite de sábado e madrugada de domingo. Segundo o Ministério da Defesa da Rússia, foram abatidos drones em Bryansk, Smolensk, Lipetsk e Tula. Nenhuma vítima ou dano foi relatado.

O ataque ucraniano ocorreu poucas horas depois de bombar-



JULIEN DE ROSA/AFP/DIVULGAÇÃO/IC

Mesmo com vitória, partido de Marine Le Pen não deve ter maioria